

NÉCTAR ENVENENADO

Valdir Specian

[Professor Universidade Estadual de Goiás. Doutorando em Geografia. Membro do Grupo Espaço, Sujeito e Existência Dona Alzira]



Polinização das Orquídeas (*Catasetum*) pelas abelhas negras (*Eulaema nigrita*).

Iporá/GO, fevereiro 2021. Foto: Valdir Specian

Os anos de 2019, 2020 e 2021 marcam não apenas pelo surgimento do Coronavírus (Sars-CoV-2) e a sua disseminação que provocou uma pandemia. Vivemos momentos de retrocessos em todas as áreas. O sofrimento provocado pela fome tomou conta de nosso país. O desemprego atingiu níveis de calamidade e a violência contra os trabalhadores só aumenta. Enquanto isso, alguns poucos aumentaram suas fortunas. Um deplorável retrato da desigualdade social. Nas bandas de cá, no Cerrado Goiano, esses anos serão memorizados pelo avanço, sem precedentes, do agronegócio sobre novas áreas. Os senhores desse tipo de negócio não mediram esforços para ocupar e tomar novas áreas. Qualquer pedaço de chão passou a ser disputado para dar lugar às lavouras de soja.

Os impactos são nítidos, sai a pluralidade do Cerrado e suas diferentes fitofisionomias e entra a monótona paisagem de uma planta só. Uma parcela considerável da sociedade acredita que isso é modernidade. Nossos trópicos, marcados pela diversidade biológica, vão se apequenando. Devo insistir... querem derrubar tudo, o Baru tombou e o Pequi está sumindo. Guavira e Cajuzinho serão encontrados apenas nas páginas dos livros e nas poucas reservas que resistem. Uma amiga do Instituto Federal de Iporá adverte: no futuro não teremos pequi no Oeste Goiano.

O tempo de crescimento e frutificação do Pequi é ultrapassado pela saga de sua destruição. A festa da colheita do pequi está com os dias contados. Talvez algum esperto invente o pequi sintético - roer Pequi ficará no passado dos goianos. O desejo de destruição do Cerrado não tem limites - aliás, qual o limite para o limite?

O que nos aterroriza é que a destruição das árvores/dos habitats impede a reprodução de todas as formas de vida.

Vale a máxima – “*Sem Cerrado, Sem Água, Sem Vida*”

O berço das águas foi deteriorado. A chuva ainda cai... mas o seu escoamento é rápido e carregado de sedimentos que entopem os pequenos e grandes cursos d'água, as grotas secaram.

Neste enredo de desolação, as abelhas são expropriadas de suas flores/do seu território - o êxodo da colmeia. Neste Bioma tombado, as abelhas não encontram lugar para pousar e já não sabem para onde voar. O êxodo marca os povos ao longo da história!

A maioria dos deslocamentos é forçado. Outros deslocamentos são diários/pendulares - o trabalho provoca êxodo. O êxodo provoca a dor da separação, das dificuldades, das incertezas. O Brasil da modernidade do agro liberou só em 2021 quinhentos novos venenos. O voo das abelhas é limitado pela ausência dos campos e as flores que sobram estão contaminadas por milhares tipos de venenos.

O néctar está envenenado. A ética das abelhas não permite titubear - entre produzir mel contaminado para as colmeias e para nós, optam pela morte. Mel é a exaltação da pureza, não combina com flores envenenadas das *commodities*. A devastação do Cerrado é como o apagar das luzes para as abelhas. Elas caem, perdem a capacidade de voar. Sem as flores, não temos voo, não temos mel, apagam-se as luzes da vida. E a pobre modernidade esquece que as abelhas e outros insetos são responsáveis pelo transporte do pólen - sem abelhas, o pólen deixa de ser transportado. Não haverá fecundação, não teremos frutos, não teremos alimentos... talvez os sintéticos! Mas sempre haverá esperança. As abelhas e os apicultores expropriados encontram abrigo nos Assentamentos Rurais.

Alguns apicultores de Iporá/GO e suas colmeias se deslocam para onde o camponês faz morada, onde o Cerrado não foi tombado.

É fato que isso tem um custo! Os inviabilizados da mídia, os camponeses, estão salvando as abelhas, o mel, os apicultores.

Estão salvando a reprodução da vida. Abelhas e apicultores são como os camponeses, precisam de terra, florestas, água e flores, como todos nós. Em nosso jardim as abelhas são bem-vindas.

Nossas orquídeas são um convite para elas. Aqui não entra veneno.

O nosso atraso permite a polinização para a renovação da vida.

♦ ♦ ♦

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical.

A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.